



J.R.R.
TOLKIEN

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

BEREN E
LÚTHIEN

Tradução de
RONALD KYRMSE

Com ilustrações de
ALAN LEE



Rio de Janeiro, 2018

SUMÁRIO

Gravuras

Prefácio

Notas sobre os Dias Antigos

Beren e Lúthien

O Conto de Tinúviel

Um Trecho do *Esboço da Mitologia*

Um Trecho Extraído de *A Balada de Leithian*

O *Quenta Noldorinwa*

Um Trecho Extraído do *Quenta Noldorinwa*

Um Segundo Extrato de *A Balada de Leithian*

Um Extrato Adicional do *Quenta Noldorinwa*

A Narrativa em *A Balada de Leithian* até seu Término

O *Quenta Silmarillion*

O Retorno de Beren e Lúthien de acordo com o *Quenta Noldorinwa*

Extrato do *Conto Perdido* do Nauglafring

A Estrela da Manhã e do Entardecer

Apêndice

Revisões de *A Balada de Leithian*

Lista de Nomes nos Textos Originais

Glossário

A Casa de Finwë

A Casa de Elwë

A Casa de Bëor

GRAVURAS

“Porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo” (p. 38)

“Mas Tevildo a enxergou onde se empoleirara” (p. 61)

“Sem folhas, mas com negros corvos / em casca e ramo, são estorvos” (p. 93)

“À volta deles, lobos vis; / temem sua sina” (p. 137)

“Então os irmãos cavalgaram para longe, mas traiçoeiramente atiraram para trás, contra Huan” (p. 153)

“Na ponte também, / em manto envolta, noite escura, / senta e canta” (p. 185)

“Thorondor, Rei das Águias, desce / e ataca” (p. 243)

“Volita à sua frente, dança / balé confuso” (p. 271)

“Certamente é uma Silmaril que ora brilha no Oeste?” (p. 319)

PREFÁCIO

Após a publicação de *O Silmarillion*, em 1977, passei vários anos investigando a história pregressa da obra e escrevendo um livro que chamei de *The History of The Silmarillion* [A História de O Silmarillion]. Este depois se transformou na base (um tanto reduzida) dos primeiros volumes de *A História da Terra-média*.

Em 1981 mandei uma longa carta a Rayner Unwin, presidente da Allen & Unwin, dando-lhe um relato do que estivera fazendo e ainda fazia. Naquela época, como lhe informei, o livro tinha 1.968 páginas com cerca de 42 cm de largura e, obviamente, não servia para ser publicado. Eu disse a ele: “Se e/ou quando você vir este livro perceberá de imediato por que eu disse que não pode ser publicado de nenhuma forma concebível. A discussão textual e as demais são demasiado detalhadas e minuciosas; o tamanho do livro é (e se tornará progressivamente mais) proibitivo. Ele foi feito em parte para minha própria satisfação em acertar as coisas, e porque eu queria saber como todo o conceito realmente se desenvolveu a partir das primeiras origens. [...]”

Se houver um futuro para tais investigações, quero me assegurar ao máximo de que quaisquer pesquisas futuras da ‘história literária’ de J.R.R.T. não se transformem em um despropósito devido a uma má compreensão da real história de sua evolução. O caos e a dificuldade intrínseca de muitos dos papéis (as camadas sucessivas de alterações em uma só página manuscrita, as pistas vitais em fragmentos esparsos encontrados em qualquer lugar do arquivo, os textos escritos no verso de outras obras, a desordem e a separação dos manuscritos, a ilegibilidade parcial ou total em muitas partes simplesmente não podem ser exagerados. [...]

Em teoria eu poderia produzir muitos livros a partir da *História* e existem muitas possibilidades e combinações de possibilidades. Por exemplo, eu poderia produzir o ‘Beren’ com o Conto Perdido^[1] original, *A Balada de Leithian*, e um ensaio sobre a evolução da lenda. Minha preferência, caso chegássemos a algo tão positivo, provavelmente seria pelo tratamento de uma lenda como entidade em desenvolvimento, e não por publicar todos os Contos Perdidos de uma só vez; mas as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados.”

Eu disse que apreciaria escrever um livro chamado “Beren” na linha que sugeri, mas “o problema seria sua organização, de modo que o tema fosse compreensível sem que houvesse dominação do editor”.

Quando escrevi isso, estava falando sério sobre a publicação: não tinha noção de sua possibilidade, exceto por minha ideia de selecionar uma lenda isolada “como entidade em desenvolvimento”. Agora parece que fiz exatamente isso — porém sem pensar no que havia dito em minha carta a Rayner Unwin, 35 anos atrás: eu me esquecera totalmente dessa missiva até topar com ela por acaso, quando este livro estava praticamente completo.

Existe, porém, uma diferença substancial entre ele e minha ideia original, que é uma diferença de contexto. Desde então, foi publicada grande parte da imensa provisão de manuscritos relativos à Primeira Era, ou aos Dias Antigos, em edições encerradas e detalhadas, especialmente nos

volumes de *A História da Terra-média*. A ideia de um livro dedicado à história em evolução do “Beren”, que eu chegara a mencionar a Rayner Unwin como possível publicação, teria trazido à luz muitos escritos até então desconhecidos e indisponíveis. Mas este livro não oferece uma única página de trabalho original e inédito. Qual é então a necessidade, agora, de um livro assim?

Tentarei fornecer uma resposta (inevitavelmente complexa), ou várias respostas. Em primeiro lugar, um aspecto daquelas edições era apresentar os textos de um modo que exibisse adequadamente a forma de composição de meu pai, aparentemente excêntrico (muitas vezes, na verdade, imposto por pressões externas), descobrindo, assim, a sequência de etapas da evolução de uma narrativa e justificando minha interpretação das evidências.

Ao mesmo tempo, a Primeira Era em *A História da Terra-média* foi, naqueles livros, concebida como *história* em dois sentidos. Era de fato uma história — uma crônica das vidas e dos eventos na Terra-média —, mas era também uma história das cambiantes concepções literárias com o passar do tempo e, portanto, o conto de Beren e Lúthien estende-se por muitos anos e diversos livros. Ademais, visto que esse conto se enredou com o lentamente construído *Silmarillion* e, por fim, tornou-se parte essencial dele, seus desenvolvimentos estão registrados em sucessivos manuscritos que tratam primariamente de toda a história dos Dias Antigos.

Portanto, não é fácil acompanhar a história de Beren e Lúthien, como narrativa singular e bem definida, em *A História da Terra-média*.

Em uma carta muito citada de 1951, meu pai chamou o conto de “a principal história do *Silmarillion*” e, sobre Beren, disse que ele era “o mortal proscrito que tem sucesso” (com o auxílio de Lúthien, uma mera donzela, apesar de ser uma Elfa régia) naquilo em que todos os exércitos e guerreiros fracassaram: ele penetra no reduto do Inimigo e arranca uma das Silmarilli da Coroa de Ferro. Assim, ele conquista a mão de Lúthien, e realiza-se o primeiro casamento entre mortal e imortal.

“Como tal, a história é um (creio que belo e poderoso) romance de fadas heroico, passível de ser recebido por si só mediante apenas um conhecimento geral e vago do pano de fundo. Mas é também um elo fundamental do ciclo, destituído de seu pleno significado se for retirado do lugar que lá ocupa.”

Em segundo lugar, minha intenção neste livro é dupla. Por um lado, tentei separar a história de Beren e Tinúviel (Lúthien), de forma que se mantenha por si, na medida em que isso seja possível (em minha opinião), sem distorções. Por outro lado, quis mostrar como esta história fundamental evoluiu ao longo dos anos. Em meu prólogo do primeiro volume de *O Livro dos Contos Perdidos*, eu disse sobre as mudanças nas histórias:

Na narrativa da história da Terra-média, a evolução raramente foi por franca rejeição — muito mais frequentemente foi por sutil transformação em etapas, de modo que o crescimento das lendas (o processo, por exemplo, pelo qual a história de Nargothrond entrou em contato com a de Beren e Lúthien, um contato do qual não existe nem sugestão nos *Contos Perdidos*, apesar de ambos os elementos estarem presentes) pode parecer-se ao crescimento das lendas entre os povos, o produto de muitas mentes e gerações.

É característica essencial deste livro que estes desenvolvimentos da lenda de Beren e Lúthien sejam mostrados nas próprias palavras de meu pai, pois o método que empreguei foi o de extrair trechos de manuscritos muito mais longos, em prosa ou em verso, escritos ao longo de muitos anos.

Também dessa forma são trazidos à luz trechos de descrição detalhada ou de urgência dramática que se perdem no modo resumido e condensado que é característico de tantos escritos narrativos de *O Silmarillion*; é possível até descobrir elementos da história que, mais tarde, foram totalmente perdidos. Um exemplo é o interrogatório de Beren, Felagund e seus companheiros, disfarçados de Orques, feito por Thû, o Necromante (a primeira aparição de Sauron), ou o surgimento na história do apavorante Tevildo, Príncipe dos Gatos, que claramente merece ser lembrado, por mais breve que tenha sido sua vida literária.

Por fim, citarei outro dos meus prefácios, o de *Os Filhos de Húrin*:

É inegável que existem muitos leitores de *O Senhor dos Anéis* para quem as lendas dos Dias Antigos [...] são totalmente desconhecidas, a não ser por sua reputação de estranhas e inacessíveis no modo e na maneira.

É também inegável que os volumes em questão de *A História da Terra-média* podem muito bem apresentar um aspecto intimidante. Isso ocorre porque o modo de composição de meu pai era intrinsecamente difícil; e um objetivo primário da *História* foi tentar desemaranhá-lo, exibindo, assim, (pode parecer) os contos dos Dias Antigos como uma criação de incessante fluidez.

Creio que ele poderia ter dito, explicando algum elemento rejeitado de um conto: “Cheguei a ver que não era assim; ou percebi que esse não era o nome correto. A fluidez não deve ser exagerada.” Houve, ainda assim, grandes e essenciais permanências. Mas certamente eu esperava, ao compor este livro, que ele mostrasse como a criação de uma antiga lenda da Terra-média, mudando e crescendo ao longo de muitos anos, refletiu a busca do autor por uma apresentação do mito mais próxima de seu desejo.

Em minha carta de 1981 a Rayner Unwin, observei que, caso eu me restringisse a uma única lenda dentre as que compõem os *Contos Perdidos*, “as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados”. Esta demonstrou ser uma previsão acurada no caso de *Beren e Lúthien*. Algum tipo de solução precisou ser encontrado, pois Beren e Lúthien não viveram, amaram e morreram com seus amigos e inimigos sobre um palco vazio, solitários e sem passado. Portanto, segui minha própria solução em *Os Filhos de Húrin*. Em meu prefácio desse livro eu escrevi:

Parece inquestionável, a julgar por suas próprias palavras, que, caso pudesse completar narrativas finais e acabadas na escala que desejava, meu pai considerava os três “Grandes Contos” dos Dias Antigos — “Beren e Lúthien”, “Os Filhos de Húrin” e “A Queda de Gondolin” — obras suficientemente completas, que não demandavam um conhecimento do grande corpo de lendas conhecido como *O Silmarillion*. Por outro lado, [...] o conto dos Filhos de Húrin é parte integrante da história dos Elfos e dos Homens nos Dias Antigos e há, necessariamente, um bom número de referências a acontecimentos e circunstâncias dessa história mais ampla.

Forneci, portanto, “um esboço muito breve de Beleriand e seus povos perto do fim dos Dias Antigos” e incluí “uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, com indicações muito concisas sobre cada um deles”. Neste livro adotei de *Os Filhos de Húrin* esse breve esboço, adaptando-o e encurtando-o e, da mesma forma, forneci uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, neste caso com indicações explicativas de natureza muito variada. Nada neste

material acessório é essencial, mas a intenção é de que seja meramente um auxílio, caso seja desejado.

Um problema adicional que eu deveria mencionar surgiu com as mudanças de nomes, muito frequentes. Seguir com exatidão e consistência a sucessão de nomes em textos de diferentes datas não serviria ao propósito deste livro. Portanto, não obedeci a nenhuma regra a esse respeito, mas, por várias razões, distingi o velho do novo em alguns casos, embora não em outros. Em inúmeras ocorrências meu pai alterou um nome em um manuscrito em um momento posterior, ou até muito posterior, porém não consistentemente. Por exemplo, *Elfin* por *Elven*.^[2] Nesses casos fiz com que *Elven* fosse a única forma, assim como optei por *Beleriand* ao invés do *Broseliand* anterior; mas em outros casos mantive ambas as ocorrências, como em *Tinwelint* e *Thingol*, *Artanor* e *Doriath*.

O propósito deste livro, portanto, é bem diverso daquele dos volumes de *A História da Terra-média*, dos quais derivou. Ele enfaticamente não pretende ser um acessório daqueles livros. É uma tentativa de extrair um elemento narrativo de uma vasta obra de extraordinária riqueza e complexidade, mas essa narrativa, a história de Beren e Lúthien, estava ela própria em contínua evolução e desenvolvendo novas associações à medida que mais se engastava na história mais ampla. A decisão do que incluir e do que excluir daquele mundo antigo “em geral” só pôde ser objeto de julgamento pessoal, muitas vezes questionável; em tal tentativa não podia haver “modo correto” atingível. No geral, porém, errei pelo lado da clareza e resisti ao impulso de explicar, temendo solapar o propósito e o método primários do livro.

No meu nonagésimo terceiro ano de vida, este é (presumivelmente) meu último livro na longa série de edições dos escritos de meu pai, em sua grande maioria inéditos até então, e tem uma natureza um tanto curiosa. Este conto foi escolhido *in memoriam* por causa de sua presença profundamente enraizada na própria vida dele e por sua intensa reflexão sobre a união de Lúthien, a quem chamou de “a maior dos Eldar”, com o Homem mortal Beren, sobre seus destinos e sobre suas segundas vidas.

Ele remonta a um caminho distante da minha existência, pois é minha mais antiga recordação efetiva de algum elemento em uma história que me estava sendo contada — não simplesmente uma imagem lembrada do local da narrativa. Meu pai a contou para mim, ou partes dela, falando sem nenhum escrito, no começo da década de 1930.

O elemento da história que recordo, com os olhos da mente, são os olhos dos lobos que surgiam um a um na treva do calabouço de Thû.

Em uma carta que me enviou acerca de minha mãe, escrita no ano após a morte dela, que foi também o ano antes de sua própria morte, ele escreveu da sua esmagadora sensação de privação e do seu desejo de que o nome *Lúthien* fosse inscrito no túmulo de minha mãe, abaixo do nome dela. Nessa carta, assim como na citada na p. 27 deste livro, ele retornou à origem do conto de Beren e Lúthien, em uma pequena clareira de bosque repleta de flores de cicuta, perto de Roos em Yorkshire, onde minha mãe dançou, e meu pai disse: “Mas a história distorceu-se, e fui deixado para trás, e *eu* não posso apelar diante do inexorável Mandos.”

Copyrighted image

^[1] “Os Contos Perdidos” é o nome das versões originais das lendas de *O Silmarillion*. [N. E.]

^[2] Duas formas de “élfico” em inglês. [N. T.]

NOTAS SOBRE OS DIAS ANTIGOS

A profundidade temporal à qual esta história remonta foi memoravelmente transmitida em um trecho de *O Senhor dos Anéis*. No grande conselho de Valfenda, Elrond falou da Última Aliança de Elfos e Homens e da derrota de Sauron ao final da Segunda Era, mais de 3 mil anos antes:

Nesse ponto, Elrond fez uma pequena pausa e suspirou. “Lembro-me bem do esplendor de seus estandartes”, disse ele. “Ele me recordou a glória dos Dias Antigos e as hostes de Beleriand, tantos eram os grandes príncipes e capitães ali reunidos. Porém, não tantos, nem tão belos, quanto no rompimento das Thangorodrim, quando os Elfos julgaram que o mal estava terminado para sempre, e não estava.”

“Vós vos lembrais?”, disse Frodo, dizendo seu pensamento em voz alta de tão admirado. “Mas pensei,” gaguejou quando Elrond se voltou para ele, “pensei que a queda de Gil-galad aconteceu em era muito longínqua.”

“Assim foi de fato”, respondeu Elrond com gravidade. “Mas minha memória remonta até aos Dias Antigos. Eärendil foi meu pai, nascido em Gondolin antes que esta caísse; e minha mãe foi Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Vi três eras no Oeste do mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas.”

De Morgoth

Morgoth, o Sombrio Inimigo, como passou a ser chamado, foi originalmente, conforme declarou a Húrin, que fora trazido prisioneiro diante dele, “Melkor, primeiro e mais poderoso dos Valar, que existiu antes do mundo”. Então, permanentemente encarnado em forma de Rei gigantesco e majestoso, porém terrível, no noroeste da Terra-média, ele estava fisicamente presente em sua enorme fortaleza de Angband, os Infernos de Ferro; o fumo negro que escapava dos cumes das Thangorodrim, as montanhas que empilhara acima de Angband, podia ser visto ao longe, maculando o céu setentrional. Está dito nos *Anais de Beleriand* que “os portões de Morgoth ficavam a apenas cento e cinquenta léguas da ponte de Menegroth, distantes e, ainda assim, próximos demais”. Estas palavras referem-se à ponte que conduzia às habitações do rei élfico Thingol; estas eram chamadas Menegroth, as Mil Cavernas.

Mas, já que estava encarnado, Morgoth tinha medo. Meu pai escreveu sobre ele:

“À medida que crescia em malevolência e emitia de si o mal que concebia em mentiras e criaturas de maldade, seu poder passava para elas e se dispersava, e ele próprio se tornava cada vez mais ligado à terra, relutante em sair de seus escuros baluartes.” Assim, quando Fingolfin, Alto Rei dos Elfos noldorin, cavalgou sozinho até Angband para desafiar Morgoth ao combate, ele exclamou diante do portão: “Aparece, rei covarde, para lutar com tua própria mão! Habitante de toca, controlador de servos, mentiroso e espreitador, inimigo dos Deuses e dos Elfos, vem! Pois quero ver teu rosto covarde”. Então, (conta-se) Morgoth veio. Pois não podia recusar tal desafio diante do rosto de seus capitães. Lutou com o grande martelo Grond, que a cada golpe fazia um grande fosso, e abateu Fingolfin ao solo; mas ao morrer, este prendeu à terra o grande pé de Morgoth, e o sangue negro escapou em jorros e encheu os fossos de Grond. Depois disso, Morgoth sempre andou coxeando. Assim também, quando Beren e Lúthien penetraram no mais profundo salão de Angband, onde Morgoth se assentava, Lúthien lançou um feitiço sobre ele e, subitamente, ele caiu como uma colina deslizando em avalanche e, arrojado como um trovão de seu trono, jazeu de bruços nos pisos do inferno.

De Beleriand

Quando Barbárvore caminhou pela floresta de Fangorn carregando Merry e Pippin, cada um na dobra de um braço, cantou para eles sobre antigas florestas na grande região de Beleriand, que foi destruída nos tumultos da Grande Batalha ao final dos Dias Antigos. O Grande Mar derramou-se, submergindo todas as terras a oeste das Montanhas Azuis, chamadas Ered Luin e Ered Lindon, de modo que o mapa que acompanha *O Silmarillion* termina a leste com essa cadeia de montanhas, enquanto que o mapa que acompanha *O Senhor dos Anéis* termina a oeste, também com as Montanhas Azuis. As terras costeiras além delas, do lado ocidental, eram tudo o que restava, na Terceira Era, daquela região chamada Ossiriand, Terra dos Sete Rios, onde Barbárvore caminhara outrora:

Passei no verão entre os olmeiros de Ossiriand.

Ah! a luz e a música no Verão junto aos Sete Rios de Ossir!

E pensei que isso era melhor.

Foi sobre as passagens das Montanhas Azuis que os homens entraram em Beleriand, nessas montanhas estavam as cidades dos Anãos, Nogrod e Belegost; e foi em Ossiriand que Beren e Lúthien habitaram depois de Mandos lhes dar permissão para retornar à Terra-média (p. 299).

Barbárvore também caminhou entre os pinheiros de Dorthonion (“Terra dos Pinheiros”):

*Aos pinheiros do planalto de Dorthonion subi no Inverno.
Ah! o vento e o alvor e os negros ramos do Inverno em Orod-na-Thôn!
Minha voz se ergueu e cantou no céu.*

Mais tarde aquela região foi chamada de Taur-nu-Fuin, “a Floresta sob a Noite”, quando Morgoth a transformou em “uma região de temor e escuro encantamento, de vagar e desespero” (ver p. 109).

Dos Elfos

Os Elfos surgiram na terra muito longe, em uma região distante (Palisor) junto a um lago chamado Cuiviénen, a Água do Despertar; e de lá foram convocados pelos Valar a deixarem a Terra-média e, passando sobre o Grande Mar, a chegarem ao “Reino Abençoado” de Aman, no oeste do mundo, a terra dos Deuses. Os que aceitaram a convocação foram levados em uma grande marcha pela Terra-média pelo Vala Oromë, o Caçador, e são chamados Eldar, os Elfos da Grande Jornada, os Altos Elfos, distintos daqueles que, recusando a convocação, escolheram a Terra-média por região e destino.

Mas nem todos os Eldar, apesar de terem atravessado as Montanhas Azuis, partiram por sobre o mar, e os que ficaram em Beleriand são chamados Sindar, os Elfos Cinzentos. Seu alto rei era Thingol (que significa “Capa-gris”), que reinava em Menegroth, as Mil Cavernas em Doriath (Artanor). E nem todos os Eldar que atravessaram o Grande Mar permaneceram na terra dos Valar, pois um de seus grandes clãs, os Noldor (os “Mestres-do-Saber”), retornou à Terra-média, e eles são chamados de Exilados.

O principal impulsionador de sua rebelião contra os Valar foi Fëanor, criador das Silmarils; era o filho mais velho de Finwë, que liderara a hoste dos Noldor desde Cuiviénen, mas já havia morrido. Nas palavras de meu pai:

As Joias foram cobiçadas por Morgoth, o Inimigo, que as roubou e, após destruir as Árvores, as levou para a Terra-média e as guardou em sua grande fortaleza de Thangorodrim. Contra a vontade dos Valar, Fëanor abandonou o Reino Abençoado e exilou-se na Terra-média, conduzindo consigo grande parte de seu povo, pois, em sua soberba, ele pretendia recuperar as Joias de Morgoth à força.

Seguiu-se depois a desesperada guerra dos Eldar e dos Edain [os Homens das Três Casas dos Amigos-dos-Elfos] contra Thangorodrim, em que, por fim, foram vencidos totalmente.

Antes de sua partida de Valinor ocorreu o terrível evento que maculou a história dos Noldor na Terra-média. Fëanor exigiu daqueles Teleri, a terceira hoste dos Eldar na Grande Jornada, que estavam morando na costa de Aman, que entregassem aos Noldor sua frota de navios, seu grande orgulho, pois sem navios a travessia de tal hoste para a Terra-média não seria possível. Os Teleri recusaram completamente.

Então Fëanor e sua gente atacaram os Teleri em sua cidade de Alqualondë, o Porto dos Cisnes, e tomaram a frota à força. Nessa batalha, conhecida por O Fratricídio, muitos dos Teleri foram mortos. Isso é mencionado em *O Conto de Tinúviel* (p. 38): “os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes” (ver p. 144, versos 514-19).

Fëanor foi morto em combate logo após o retorno dos Noldor à Terra-média, e seus sete filhos dominaram amplas terras ao leste de Beleriand, entre Dorthonion (Taur-na-fuin) e as Montanhas Azuis.

O segundo filho de Finwë foi Fingolfin (meio-irmão de Fëanor), que era considerado senhor supremo de todos os Noldor, e junto com seu filho Fingon ele reinava em Hithlum, que ficava ao norte e a oeste da grande cordilheira das Ered Wethrin, as Montanhas de Sombra. Fingolfin morreu em combate singular com Morgoth. O segundo filho de Fingolfin, irmão de Fingon, era Turgon, fundador e soberano da cidade oculta de Gondolin.

O terceiro filho de Finwë, irmão de Fingolfin e meio-irmão de Fëanor, era Finrod nos textos mais antigos, posteriormente Finarfin (ver p. 106). O filho mais velho de Finrod/Finarfin era Felagund nos textos mais antigos, porém mais tarde Finrod; ele, inspirado pela magnificência e beleza de Menegroth em Doriath, fundou a cidade-fortaleza subterrânea de Nargothrond, pelo que foi chamado de Felagund, “Senhor de Cavernas”; assim, o Felagund mais antigo = o Finrod Felagund tardio.

Os portões de Nargothrond abriam-se para a garganta do rio Narog, em Beleriand Ocidental, mas o reino de Felagund estendia-se muito longe, a leste até o rio Sirion e a oeste até o rio Nenning, que chegava ao mar no porto de Eglarest. Mas Felagund foi morto nos calabouços de Thû, o Necromante, mais tarde Sauron, e Orodreth, o segundo filho de Finarfin, tomou a coroa de Nargothrond, como é contado neste livro (pp. 114-26).

Os demais filhos de Finarfin, Angrod e Egnor, vassalos de seu irmão Finrod Felagund, habitavam em Dorthonion, dando ao norte para a vasta planície de Ard-galen. Galadriel, irmã de Finrod Felagund, morou por longo tempo em Doriath com Melian, a Rainha. Melian (em textos mais antigos, Gwendeling e outras formas) era uma Maia, um espírito de grande poder que tomou forma humana e habitava nas florestas de Beleriand com o Rei Thingol; era mãe de Lúthien e antepassada de Elrond.

No sexagésimo ano após o retorno dos Noldor, pondo fim a muitos anos de paz, uma grande hoste de Orques desceu de Angband, mas foi totalmente derrotada e destruída pelos Noldor. Chamou-se a isto *Dagor Aglareb*, a Batalha Gloriosa, mas os senhores élficos a consideraram como um alerta e fizeram o Cerco de Angband, que durou quase quatrocentos anos.

O Cerco de Angband terminou com rapidez terrível (apesar de preparado havia muito) em uma noite do meio do inverno. Morgoth despejou rios de fogo que fluíram das Thangorodrim, e a grande planície gramada de Ard-galen, que ficava ao norte de Dorthonion, transformou-se em um deserto ressequido e árido, conhecido daí em diante por um nome mudado, *Anfauglith*, a Poeira Sufocante.

Esse assalto catastrófico foi chamado *Dagor Bragollach*, a Batalha da Chama Repentina (p. 108). Glaurung, Pai dos Dragões, emergiu então de Angband pela primeira vez com todo o seu poderio; vastos exércitos de Orques derramaram-se rumo ao sul; os senhores élficos de Dorthonion foram mortos, assim como grande parte dos guerreiros do povo de Bëor (pp. 108-10). O Rei Fingolfin e seu filho Fingon foram rechaçados com os guerreiros de Hithlum até a fortaleza de Eithel Sirion (Poço do Sirion), onde o grande rio surgia na face leste das Montanhas de Sombra. As torrentes de fogo foram detidas pelas Montanhas de Sombra, e Hithlum e Dorthonion permaneceram inconquistadas.

Foi no ano depois da *Bragollach* que Fingolfin, em fúria desesperada, cavalcou até Angband e desafiou Morgoth.

BEREN E LÚTHIEN

Em uma carta de meu pai, escrita em 16 de julho de 1964, ele disse:

O germe de minha tentativa de escrever lendas minhas para adequarem-se aos meus idiomas particulares foi o conto trágico do infeliz Kullervo no *Kalevala* finlandês. Permanece um aspecto importante nas lendas da Primeira Era (que espero publicar como *O Silmarillion*), embora como “Os Filhos de Húrin” esteja inteiramente modificado, exceto no final trágico. O segundo ponto foi a composição, “tirada da minha cabeça”, de “A Queda de Gondolin”, a história de Idril e Earendel, durante uma licença do exército por doença, em 1917, e a versão original do “Conto de Lúthien Tinúviel e Beren”, mais tarde no mesmo ano. Este foi originado por um pequeno bosque com grandes arbustos de “cicuta” (sem dúvida muitas outras plantas relacionadas também estavam lá) próximo a Roos em Holderness, onde estive por um tempo na Guarnição Humber.

Meu pai e minha mãe casaram-se em março de 1916, quando ele tinha 24 anos de idade, e ela, 27. Moraram primeiro na aldeia de Great Haywood, em Staffordshire, mas ele embarcou para a França e para a Batalha do Somme no começo de junho daquele ano. Doente, foi mandado de volta à Inglaterra no começo de novembro de 1916 e, na primavera de 1917, ele foi transferido para Yorkshire.

A versão primária de *O Conto de Tinúviel*, como ele o chamou, escrita em 1917, não existe — ou mais precisamente, existe apenas na forma fantasmagórica de um manuscrito a lápis que ele apagou quase por completo na maior parte de sua extensão; por cima ele escreveu o texto que é para nós a versão mais antiga. *O Conto de Tinúviel* foi uma das histórias constituintes da principal

obra primitiva de meu pai sobre sua “mitologia”, *O Livro dos Contos Perdidos*, uma obra extremamente complexa que editei nos dois primeiros volumes de *A História da Terra-média* (1983-84). Mas, já que o presente livro é expressamente dedicado à evolução da lenda de Beren e Lúthien, passarei aqui muito amplamente ao largo do estranho cenário e plateia dos *Contos Perdidos*, pois *O Conto de Tinúviel* é por si só quase inteiramente independente daquele cenário.

Era central para *O Livro dos Contos Perdidos* a história de um marinheiro inglês do período “anglo-saxão” chamado Eriol, ou Ælfwine, que, navegando muito longe rumo ao Oeste pelo oceano, chegou por fim a Tol Eressëa, a Ilha Solitária, onde viviam os Elfos que haviam partido das “Grandes Terras”, mais tarde “Terra-média” (um termo não usado nos *Contos Perdidos*). Durante sua estada em Tol Eressëa ele aprendeu com eles a verdadeira e antiga história da Criação, dos Deuses, dos Elfos e da Inglaterra. Essa história é “Os Contos Perdidos de Elfinesse”.

A obra existe em diversos “caderninhos de exercícios” maltratados, a tinta e a lápis, muitas vezes pavorosamente difícil de se ler, apesar de que, após muitas horas espiando o manuscrito por uma lente, fui capaz, muitos anos atrás, de elucidar todos os textos com apenas algumas palavras indeterminadas aqui e ali. *O Conto de Tinúviel* é uma das histórias que foram contadas a Eriol pelos Elfos na Ilha Solitária, neste caso por uma donzela chamada Vëannë; havia muitas crianças presentes quando as histórias foram recitadas. Com nítida observação de detalhes (uma característica surpreendente), ele é contado em estilo extremamente individual, com alguns arcaísmos de palavras e construções bem diferentes dos estilos posteriores de meu pai, intenso, poético, às vezes profundamente “élfico-misterioso”. Há também uma corrente subjacente de humor sarcástico na expressão, aqui e ali (no terrível confronto com o lobo demoníaco Karkaras, ao fugir com Beren do salão de Melko, Tinúviel indaga: “Por que tanta rispidez, Karkaras?”).

Em vez de aguardar a conclusão do Conto, creio que será útil, aqui, chamar a atenção para certos aspectos desta primeira versão da lenda e dar breves explicações de alguns nomes importantes da narrativa (que também podem ser encontrados na “Lista de Nomes”, ao final do livro).

O Conto de Tinúviel em forma reescrita, que é para nós a mais primitiva, de nenhum modo foi o mais antigo dos *Contos Perdidos*, e características de outros *Contos* lançam luz sobre ele. Para falar apenas da estrutura narrativa, alguns deles, como o conto de Túrin, não são muito remotos da versão publicada de *O Silmarillion*; alguns, notadamente “A Queda de Gondolin”, o primeiro a ser escrito, estão presentes na obra publicada apenas em forma severamente comprimida e alguns, mais notavelmente o presente Conto, são singularmente diferentes em certos aspectos.

Uma mudança fundamental na evolução da lenda de Beren e Tinúviel (Lúthien) foi o fato de entrar nela, depois, a história de Felagund de Nargothrond e dos filhos de Fëanor; mas igualmente significativa, em aspecto diferente, foi a alteração da identidade de Beren. Nas versões posteriores da lenda era um elemento de todo essencial que Beren fosse Homem mortal, enquanto que Lúthien era Elfa imortal, mas isso não estava presente no *Conto Perdido*: Beren era também um Elfo. (Pode-se ver, porém, nas notas de meu pai para outros Contos que ele era originalmente um Homem, e fica claro que isso também era verdade no manuscrito apagado de *O Conto de Tinúviel*.) O Elfo Beren pertencia ao povo élfico chamado Noldoli (depois Noldor), que nos *Contos Perdidos* (e mais tarde) está traduzido por “Gnomos”: Beren era um Gnomo. Mais tarde essa tradução transformou-se em um problema para meu pai. Ele estava usando outra palavra *Gnomo*, totalmente distinta em origem e significado desses Gnomos que hoje em dia são figurinhas especialmente associadas a jardins. Esse outro *Gnomo* derivava da palavra grega *gnômē*

“pensamento, inteligência”; esta mal sobrevive em inglês moderno com o significado de “aforismo, máxima”, junto com o adjetivo *gnômico*.

Em um rascunho do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis* ele escreveu:

Às vezes (não neste livro) tenho usado “Gnomos” por *Noldor* e “gnômico” por *noldorin*. Fiz isso porque, para alguns, “Gnomo” ainda sugerirá conhecimento. Ora, o nome alto-élfico desse povo, Noldor, significa Aqueles que Sabem, pois dentre os três clãs dos Eldar, desde seu começo, os Noldor sempre se distinguiram, tanto por seu conhecimento das coisas que são e foram neste mundo, quanto por seu desejo de conhecer mais. Porém não se assemelhavam de nenhum modo aos Gnomos da teoria erudita, nem da imaginação popular, e agora abandonei essa representação por demasiado enganosa.

(De passagem, quero mencionar que ele também disse [em uma carta de 1954] que se arrependia muito de ter usado a palavra “Elfos”, que se tornou “sobrecarregada de tons deploráveis” que são “demais para se superar”.)

A hostilidade demonstrada a Beren, como Elfo, é explicada assim no antigo Conto (p. 41): “todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor-lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais.”

Pode muito bem parecer um tanto intrigante que a palavra “fada, fadas”^[3] seja frequentemente usada com referência aos Elfos. Assim, sobre as mariposas brancas que voavam no bosque, “como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas” (p. 38); ela se chama de “Princesa das Fadas” (p. 59); diz-se dela (p. 67) que “empenhou sua habilidade e sua magia de fada”. Em primeiro lugar, a palavra *fadas* nos *Contos Perdidos* é sinônimo de *Elfos*, e nesses contos há diversas referências à estatura física relativa dos Homens e dos Elfos. Naqueles dias pregressos, os conceitos de meu pai sobre tais assuntos eram um tanto flutuantes, mas fica claro que ele concebeu uma relação cambiante com o passar das eras. Assim, ele escreveu:

De início os Homens eram quase da mesma estatura dos Elfos, sendo as fadas muito maiores e os Homens menores que agora.

Mas a evolução dos Elfos foi bastante influenciada pela chegada dos Homens:

Mesmo à medida que os Homens se tornam mais numerosos e poderosos, as fadas mínguem e ficam pequenas e tênues, translúcidas e transparentes, mas os Homens, maiores e mais densos e brutos. Por fim, os Homens, ou a maioria dos Homens, não conseguem mais ver as fadas.

Assim, não é necessário supor, em virtude da palavra, que meu pai imaginou as “Fadas” deste conto como translúcidas e transparentes, e é claro que anos mais tarde, quando os Elfos da Terceira Era haviam entrado na história da Terra-média, não havia neles nada de “semelhante a fada”, no sentido moderno.

A palavra *fata*^[4] é mais obscura. Em *O Conto de Tinúviel* ela é usada frequentemente a respeito de Melian (mãe de Lúthien), que veio de Valinor (e é chamada de “filha dos Deuses”; ver p. 37), mas também a respeito de Tevildo, que é descrito como “fata maligno em forma de animal” (p. 65). Em outros trechos dos *Contos* há referências à “sabedoria dos fatos e dos Eldar”, a “Orques e

dragões e fadas malignos” e a “um fada dos bosques e vales”. Talvez o mais notável seja o seguinte trecho do *Conto da Chegada dos Valar*:

Em torno deles vinha uma grande hoste, que são os espíritos das árvores e dos bosques, do vale e da floresta e da encosta da montanha, ou aqueles que cantam em meio à grama pela manhã e entoam canções em meio ao trigo em pé à tardinha. Esses são os Nermir e os Tavari, Nandini e Orossi, [fadas (?) dos prados, dos bosques, dos vales, das montanhas], fadas, trasgos, duendes e o que mais forem chamados, pois seu número é muito grande, porém não devem ser confundidos com os Eldar [Elfos], pois nasceram antes do mundo e são mais velhos que os mais velhos deste e não são dele.

Outro aspecto intrigante que aparece não apenas em *O Conto de Tinúviel* e do qual não encontrei explicação, nem qualquer observação mais geral, diz respeito ao poder que os Valar possuem sobre os assuntos dos Homens e dos Elfos, e de fato sobre suas mentes e seus corações, nas longínquas Grandes Terras (Terra-média). Dando exemplos: na p. 73, “os Valar levaram--no [Huan] a uma clareira”, onde Beren e Lúthien jaziam no chão durante sua fuga de Angband; e ela disse a seu pai (p. 76): “somente os Valar salvaram [Beren] de morte amarga”. Ou, por outro lado, o relato da fuga de Lúthien de Doriath (p. 53), “não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante” foi mais tarde mudado para “não penetrou naquela região escura, e os Valar puseram nova esperança em seu coração, de modo que seguiu avante outra vez”.

No que diz respeito aos nomes que aparecem no Conto, notarei aqui que *Artanor* corresponde à *Doriath* posterior, também chamada de *A Terra Além*; ao norte ficava a barreira das *Montanhas de Ferro*, também chamada de *Morros Amargos*, por sobre as quais Beren veio; mais tarde tornaram-se *Ered Wethrin*, as *Montanhas da Sombra*. Além das montanhas ficava *Hisilómë* (*Hithlum*), a Terra de Sombra, também chamada *Dor-lómin*. *Palisor* (p. 34) é a terra onde os Elfos despertaram.

Os Valar são frequentemente referidos como os Deuses, também chamados *Ainur* (singular *Ainu*). *Melko* (mais tarde *Melkor*) é o grande Vala maligno, chamado *Morgoth*, o Sombrio Inimigo, após seu roubo das Silmarils. *Mandos* é o nome do Vala e do lugar onde habita. Ele é o vigia das Casas dos Mortos.

Manwë é o senhor dos Valar; Varda, fazedora das estrelas, é esposa de Manwë e mora com ele no topo de Taniquetil, a mais alta montanha de Arda. As Duas Árvores são as grandes árvores cujas flores davam luz a Valinor, destruídas por Morgoth e a monstruosa aranha Ungoliant.

Por fim, este é um lugar conveniente para dizer algo sobre as Silmarils, fundamentais à lenda de Beren e Lúthien: foram obra de Fëanor, o maior dos Noldor: “o mais poderoso em habilidade da palavra e da mão”; seu nome significa “Espírito de Fogo”. Citarei aqui um trecho do texto posterior (1930) de “O Silmarillion” intitulado *Quenta Noldorinwa* (sobre o qual ver p. 105):

Naqueles dias Fëanor começou, certa vez, uma labuta longa e maravilhosa e convocou todo o seu poder e sua sutil magia, pois pretendia fazer algo mais belo do que qualquer um dos Eldar jamais fizera, que haveria de durar além do fim de tudo. Três joias fez ele e as chamou Silmarils. Um fogo vivo ardia dentro delas que era mesclado da luz das Duas Árvores; por sua própria radiância elas luziam até mesmo no escuro, nenhuma impura carne mortal podia tocá-las sem ser mirrar e ser queimada. Essas joias eram apreciadas pelos Elfos além de todas as obras de suas mãos, e Manwë as consagrou, e Varda disse: “O destino dos Elfos está encerrado nelas, e o

destino de muitas outras coisas.” O coração de Fëanor estava enredado com os objetos que ele mesmo fizera.

Um juramento terrível e profundamente destrutivo foi feito por Fëanor e seus sete filhos, asseverando seu direito solitário e inviolável às Silmarils, que foram roubadas por Morgoth.

O conto de Vëannë foi expressamente dirigido a Eriol (Ælfwine), que jamais ouvira falar de Tinúviel, mas do modo como ela o expressa não existe abertura formal: começa por um relato de Tinwelint e Gwendeling (mais tarde conhecidos por Thingol e Melian). No entanto, voltarei a me referir ao *Quenta Noldorinwa* para este elemento essencial da lenda. No *Conto*, o temível Tinwelint (Thingol) é um vulto central: o rei dos Elfos que habitava nos profundos bosques de Artanor, reinando desde sua vasta caverna no coração da floresta. Mas a rainha era também personagem de grande significância, apesar de raramente vista, e dou aqui o relato sobre ela que consta do *Quenta Noldorinwa*.

Ali está dito que na Grande Jornada dos Elfos desde a remota Palisor, o local onde despertaram, com a meta final de alcançarem Valinor no remoto Oeste, além do grande Oceano,

[muitos Elfos] se perderam nas longas estradas escuras, e eles vagaram nas florestas e nas montanhas do mundo e jamais chegaram a Valinor, nem viram a luz das Duas Árvores. Portanto são chamados de Ilkorindi, os Elfos que nunca habitaram em Kôr, cidade dos Eldar [Elfos] na terra dos Deuses. São eles os Elfos-escuros, e muitas são suas tribos dispersas, e muitas são suas línguas.

Dentre os Elfos-escuros, o mais renomado era Thingol. Por essa razão ele jamais chegou a Valinor. Melian era uma fada. Nos jardins de Lórien [o Vala] ela habitava e entre toda a sua bela gente não havia ninguém que a superasse em beleza, nem ninguém mais sábio, nem ninguém mais habilidoso em canções mágicas e de encantamento. Diz-se que os Deuses abandonavam seus afazeres, e as aves de Valinor, seu júbilo, que os sinos de Valmar silenciavam e as fontes paravam de fluir quando, ao mesclar da luz, Melian cantava nos jardins do Deus dos Sonhos. Rouxinóis a acompanhavam sempre, e ela lhes ensinou o seu cantar. Mas amava a sombra profunda e vagou em longas jornadas às Terras de Fora [Terra-média], e ali encheu o silêncio do mundo que raiava com sua voz e as vozes de suas aves.

Thingol ouviu os rouxinóis de Melian e ficou encantado e abandonou sua gente. Encontrou Melian sob as árvores e foi lançado em um sonho e grande torpor, de modo que sua gente o buscou em vão.

No relato de Vëannë, quando Tinwelint despertou de seu longo sono mítico, “não pensou mais em seu povo (e de fato teria sido em vão, pois eles agora há muito haviam chegado a Valinor)”, mas desejava apenas ver a senhora do crepúsculo. Ela não estava longe, pois vigiara-o enquanto ele dormia. “Porém mais da história deles eu não sei, ó Eriol, exceto que, por fim, ela se tornou sua esposa, pois Tinwelint e Gwendeling de fato foram por muito tempo rei e rainha dos Elfos Perdidos de Artanor, ou a Terra Além, ou assim dizem aqui.”

Vëannë disse, ademais, que a habitação de Tinwelint “estava oculta da visão e do conhecimento de Melko graças às magias de Gwendeling, a fada, e ela tecia encantamentos em torno das veredas que para lá levavam, de modo que ninguém além dos Eldar [Elfos] as pudesse trilhar facilmente, e, assim, o rei ficou a salvo de todos os perigos, exceto apenas da traição. Ora, seus paços estavam construídos em uma funda caverna de grande extensão e eram apesar disso uma moradia régia e bela. Essa caverna estava no coração da poderosa floresta de Artanor, que é a mais poderosa das florestas, e um rio corria diante de suas portas, mas ninguém podia entrar

naquele portal se não fosse através do rio, e uma ponte o transpunha, estreita e bem guardada”. Então Vëannë exclamou: “Eis que agora vou te contar de coisas que ocorreram nos paços de Tinwelint!”, e esse parece ser o ponto em que se pode dizer que começa o conto propriamente dito.

Copyrighted image

^[3] Em inglês *fairy, fairies*. [N. T.]

^[4] Palavra comum de dois gêneros, criada para traduzir o inglês *fay*, cognato de *fairy* “fada”. [N. T.]

O CONTO DE TINÚVIEL

Dois filhos tinha então Tinwelint: Dairon e Tinúviel, e Tinúviel era uma donzela e a mais linda de todas as donzelas dos Elfos ocultos; e, de fato, poucas foram tão belas, pois sua mãe era uma fada, filha dos Deuses, mas Dairon era então um menino forte e alegre e, acima de tudo, deleitava-se em tocar uma flauta de caniços ou outros instrumentos do bosque e agora ele é mencionado entre os três músicos mais mágicos dos Elfos, e os outros são Tinfang Trinado e Ivárë, que toca junto ao mar. Mas a alegria de Tinúviel estava mais voltada à dança, e nenhum nome rivaliza com o seu pela beleza e sutileza de seus pés cintilantes.

Ora, era o prazer de Dairon e Tinúviel afastarem-se do cavernoso palácio de seu pai, Tinwelint, e passarem longo tempo juntos em meio às árvores. Ali, muitas vezes Dairon assentava-se em uma moita ou raiz de árvore e tocava música, enquanto Tinúviel dançava ao som dela, e quando dançava ao tocar de Dairon, mais ágil era ela que Gwendeling, mais mágica que Tinfang Trinado sob a lua, e jamais alguém pôde ver tal meneio, exceto nos roseirais de Valinor, onde Nessa dança nos gramados de verde que nunca se extingue.

Mesmo à noite, quando a lua brilhava pálida, ainda tocavam e dançavam e não temiam como eu haveria de temer, pois o reinado de Tinwelint e de Gwendeling afastava o mal do bosque, e Melko ainda não os perturbava, e os Homens estavam cercados além das colinas.

Ora, o lugar que mais apreciavam era um ponto sombreado, e ali cresciam olmos e faias também, mas estas não eram muito altas, e algumas castanheiras que tinham flores brancas, mas o chão era úmido e uma grande vegetação nebulosa de cicuta erguia-se sob as árvores. Certa vez, em junho, brincavam ali e as umbelas brancas das cicutas eram como uma nuvem em torno dos troncos das árvores, e ali Tinúviel dançou até a tardinha desvanecer-se tarde e havia muitas mariposas brancas em volta. Como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas, como fazem muitos filhos dos Homens, apesar de não gostar de besouros, e em aranhas nenhum dos Eldar toca por causa de Ungwelianë —, mas as mariposas brancas volitavam então em torno de sua cabeça, e Dairon tritava uma estranha melodia, quando subitamente aconteceu algo estranho.

Nunca ouvi dizer como Beren chegou até ali por sobre as colinas, porém ele era mais bravo que a maioria, como hás de ouvir, e quem sabe tenha sido apenas o amor pelas caminhadas que o impelira, em meio aos terrores das Montanhas de Ferro, até ele alcançar as Terras Além.

Copyrighted image

Ora, Beren era um Gnomo, filho de Egnor, o coureiro, que caçava nos lugares mais obscuros no norte de Hisilómë. Havia temor e suspeita entre os Eldar e aqueles de sua gente que haviam provado a escravidão de Melko, e nisto vingaram-se os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes. Ora, as mentiras de Melko corriam entre a gente de Beren, de modo que acreditavam em fatos perversos sobre os Elfos secretos, porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo, e Tinúviel trajava uma veste de prata nacarada, e seus brancos pés desnudos cintilavam entre as hastes da cicuta. Então Beren não se importou se ela era Vala ou Elfa ou filha dos Homens e esgueirou-se, aproximando-se para vê-la; e apoiou-se em um jovem olmo que crescia num montículo, para poder olhar para baixo, para a pequena clareira onde ela dançava, pois o encantamento o fazia fraquejar. Tão esbelta ela era e tão bela que, por fim, ele se pôs de pé abertamente, sem cuidados, para contemplá-la melhor, e naquele momento a lua cheia irrompeu brilhante entre os ramos, e Dairon vislumbrou o rosto de Beren. De imediato percebeu que não pertencia à sua gente, e todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor-lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais, portanto Dairon deixou cair sua flauta e, exclamando “Foge, foge, ó Tinúviel, um inimigo caminha neste bosque”, desapareceu depressa entre as árvores. Então Tinúviel, em seu espanto, não o seguiu de imediato, pois não compreendeu no instante as suas palavras e, sabendo-se incapaz de correr e saltar com o mesmo vigor do irmão, subitamente abaixou-se entre as cicutas brancas e se escondeu sob uma flor muito alta, com muitas folhas espalhadas, e ali parecia, em sua veste branca, um salpico de luar luzindo através das folhas no chão.

Então Beren entristeceu-se, pois estava solitário e desolado pelo medo deles, e buscou Tinúviel em toda a parte, pensando que ela não fugira. Assim, de repente, pousou a mão em seu esbelto braço sob as folhas, e ela, com um grito, saltou para longe dele e voou o mais depressa que pôde à luz pálida, disparando e oscilando nos raios de lua como só os Eldar conseguem fazer, entrando e saindo pelos troncos das árvores e hastes de cicuta. O suave toque de seu braço deixou Beren ainda mais ansioso por encontrá-la do que antes e ele seguiu depressa e, no entanto, não depressa o bastante, pois, ao fim, ela lhe escapou e chegou temerosa à morada de seu pai, nem dançou sozinha na floresta durante muitos dias após.

Isso foi uma grande mágoa para Beren, que não queria deixar aqueles lugares, esperando mais uma vez ver dançar aquela bela donzela élfica, e vagueou na floresta por muitos dias, tornando-se selvagem e solitário e buscando por Tinúviel. Na aurora e no crepúsculo ele a buscava, mas sempre com maior esperança quando a lua brilhava intensa. Finalmente, certa noite, vislumbrou uma cintilação ao longe, e eis que lá estava ela, dançando a sós em um montículo despido de árvores, e Dairon não estava lá. Muitas e muitas vezes depois ela foi ali e dançava e cantava consigo mesma, e às vezes Dairon estava próximo, e então Beren vigiava da borda do bosque ao longe, e às vezes ele não estava, e Beren esgueirava-se mais para perto. Na verdade, por muito tempo Tinúviel sabia que ele chegara e fingia não saber, e há muito tempo seu temor se fora por causa do ansioso desejo no rosto dele, iluminado pelo luar, e viu que ele era bondoso e apaixonado por sua linda dança.

Então Beren se pôs a seguir Tinúviel em segredo através do bosque, bem até a entrada da caverna e da cabeceira da ponte, e quando ela havia entrado ele exclamava da outra margem do rio, dizendo baixinho “Tinúviel”, pois escutara o nome dos lábios de Dairon, e, apesar de ele não o saber, muitas vezes Tinúviel escutava do interior das sombras dos cavernosos portões e ria ou sorria suavemente. Por fim, certo dia, enquanto ela dançava a sós, ele deu um passo mais ousado e lhe disse: “Tinúviel, ensina-me a dançar.” “Quem és tu?”, disse ela. “Beren. Venho de além dos Morros Amargos.” “Então, se queres dançar, segue-me”, disse a donzela e dançou diante de Beren, afastando-se mais e mais para dentro do bosque, ágil, mas não tão depressa que ele não pudesse seguir, e várias e várias vezes olhou para trás e riu-se dele tropeçando em seu encalço, dizendo:

“Dança, Beren, dança! Assim como dançam além dos Morros Amargos!” Desse modo chegaram, por sendas tortuosas, à morada de Tinwelint, e Tinúviel fez sinal a Beren que atravessasse o rio, e ele a seguiu assombrado, descendo à caverna e aos profundos paços de seu lar.

No entanto, quando Beren se viu diante do rei, ficou envergonhado e muito assombrado perante a imponência da Rainha Gwendeling, e eis que, quando o rei disse: “Quem és tu, que tropeças até meus paços sem seres convidado?”, ele nada tinha a dizer. Portanto, Tinúviel respondeu por ele, dizendo: “Este, meu pai, é Beren, um caminhante de além das colinas, e deseja aprender a dançar como sabem dançar os Elfos de Artanor”, e riu-se, mas o rei franziu a testa quando ouviu de onde Beren vinha e disse: “Guarda tuas palavras levianas, minha filha, e diz: este selvagem Elfo das sombras tentou fazer-te algum mal?”

“Não, pai,” disse ela, “e creio que não há mal nenhum em seu coração, e não sejas rude com ele, a não ser que queiras ver chorar tua filha Tinúviel, pois ele mais se assombra com minha dança do que qualquer um que eu tenha conhecido.” Assim, Tinwelint disse então: “Ó, Beren, filho dos Noldoli, o que desejas dos Elfos da floresta antes de retornares ao lugar de onde vieste?”

Tão grande era a pasmada alegria do coração de Beren, quando Tinúviel assim falou por ele ao pai dela, que a coragem cresceu dentro dele, e seu espírito aventureiro que o trouxera de Hisilómë e sobre as Montanhas de Ferro despertou outra vez e, fitando Tinwelint com arrojo, ele disse: “Ora, ó, rei, desejo vossa filha Tinúviel, pois é a mais bela e mais doce de todas as donzelas que vi ou com quem sonhei.”

Fez-se então silêncio no paço, exceto que Dairon riu, e todos os que ouviram assombraram-se, mas Tinúviel baixou os olhos, e o rei, lançando um olhar ao aspecto selvagem e rude de Beren, também irrompeu em riso, o que fez Beren enrubescer de vergonha, e o coração de Tinúviel magoou-se por ele. “Ora! Desposar minha Tinúviel, a mais bela das donzelas do mundo, e tornar-se príncipe dos Elfos da floresta é só uma pequena mercê para um estranho pedir”, disse Tinwelint. “Quem sabe eu possa, com todo o direito, pedir algo em troca. Não há de ser nada grande, apenas um testemunho de tua estima. Traze-me uma Silmaril da Coroa de Melko, e nesse dia Tinúviel te desposará se quiser.”

Então todos naquele lugar souberam que o rei tratara o assunto como pilhéria grosseira, compadecendo-se do Gnomo, e sorriram, pois a fama das Silmarils de Fëanor já era grande por todo o mundo, e os Noldoli haviam contado histórias sobre elas, e muitos que tinham escapado de Angamandi haviam-nas visto, agora brilhando lustrosas na coroa de ferro de Melko. Jamais essa coroa deixava sua cabeça, e ele tinha aquelas joias em grande conta, como seus próprios olhos, e ninguém no mundo, ou fata, ou elfo, ou homem, jamais podia esperar pôr nelas um só dedo e viver. Isso de fato Beren sabia e compreendeu o significado de seus sorrisos zombeteiros e, inflamado de ira, exclamou: “Não, mas é presente demasiado pequeno para o pai de tão doce noiva. Ainda assim, parecem-me estranhos os costumes dos Elfos da floresta, semelhantes às rudes leis da gente dos Homens, para mencionardes o presente que não foi oferecido, porém eis que eu, Beren, caçador dos Noldoli, satisfarei vosso pequeno desejo”, e com essas palavras arremeteu para fora do paço enquanto todos se quedaram admirados, mas Tinúviel chorou de repente. “Foi um mau feito, ó, pai,” exclamou, “mandar alguém à morte com tua pilhéria lamentável, pois agora creio que ele tentará o feito, enlouquecido por teu desprezo, e Melko o matará, e ninguém mais olhará com tanto amor a minha dança!”

Então disse o rei: “Não será o primeiro dos Gnomos que Melko matará, e por menores razões. É sorte dele não fazer aqui, atado por encantos penosos, por sua invasão de meus paços e por sua fala insolente”; porém Gwendeling nada disse, nem repreendeu Tinúviel ou questionou seu choro repentino por aquele caminhante desconhecido.

Beren, no entanto, afastando-se da face de Tinwelint, foi levado por sua ira longe, através da floresta, até se aproximar das colinas mais baixas e das terras desprovidas de árvores que alertavam sobre a aproximação das ermas Montanhas de Ferro. Só então sentiu o cansaço e deteve a marcha, e nesse ponto começaram suas grandes labutas. Suas noites eram de grande desalento e não via nenhuma esperança em sua demanda e, na verdade, bem pouca havia e logo, ao seguir as Montanhas de Ferro até se aproximar das terríveis regiões da morada de Melko, os maiores temores o assaltaram. Muitas serpentes venenosas havia naquelas plagas, e lobos vagavam por ali, e ainda mais pavorosos eram os bandos errantes dos gobelins e dos Orques — imundas crias de Melko, que perambulavam fazendo seu trabalho maligno, apanhando e capturando animais, e Homens e Elfos, e arrastando-os até seu senhor.

Muitas vezes Beren chegou perto de ser capturado pelos Orques e uma vez escapou das mandíbulas de um grande lobo só após um combate onde estava armado apenas com uma clava de freixo, e outros perigos e aventuras conheceu a cada dia de sua caminhada rumo a Angamandi. Também fome e sede o torturaram com frequência e muitas vezes teria voltado atrás, não fosse isso quase tão perigoso quanto prosseguir; mas a voz de Tinúviel pleiteando com Tinwelint ecoava em seu coração, e à noite lhe parecia que o coração às vezes a ouvia, chorando baixinho por ele, muito longe na floresta de seu lar: e isso era verdade de fato.

Certo dia foi impelido por grande fome a procurar restos de comida em um acampamento deserto de Orques, mas alguns deles voltaram inesperadamente, levaram-no prisioneiro e o atormentaram, mas não mataram, pois seu capitão, vendo a força dele apesar de estar exausto das privações, pensou que talvez Melko ficasse contente se o trouxessem até ele, e poderia pô-lo a fazer pesado trabalho escravo em suas minas ou forjas. Assim aconteceu que Beren foi arrastado diante de Melko, e não obstante seu coração estava impávido dentro dele, pois era crença entre a gente de seu pai que o poder de Melko não duraria para sempre, mas que os Valar escutariam finalmente as lágrimas dos Noldoli, erguer-se-iam, atariam Melko e abririam Valinor outra vez aos Elfos fatigados, e grande alegria retornaria sobre a Terra.

No entanto, Melko, olhando-o, ficou irado, perguntando como um Gnomo, um servo seu por nascimento, ousara escapar para as florestas sem permissão, mas Beren respondeu que não era fugitivo, mas vinha de uma linhagem de Gnomos que habitavam em Aryador e ali se misturavam muito com a gente dos Homens. Então Melko enfureceu-se mais ainda, pois buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens, e disse que ali evidentemente estava um conspirador de profundas traições contra o senhorio de Melko e merecedor das torturas dos Balrogs; mas Beren, percebendo seu perigo, respondeu: “Não penseis, ó mais poderoso Ainu Melko, Senhor do Mundo, que isso possa ser verdade, pois se assim fosse eu não estaria aqui sem ajuda e sozinho. Nenhuma amizade Beren, filho de Egnor, tem pela gente dos Homens, bem ao contrário, cansando-se por completo das terras infestadas por esse povo ele vagou para fora de Aryador. Muitas grandes histórias meu pai me contou outrora sobre vosso esplendor e glória e, por isso, apesar de não ser servo renegado, nada desejo mais do que vos servir do pequeno modo que puder”, e Beren disse então que era excelente caçador de pequenos animais e que lançava pássaros e que se perdera nas colinas durante esses afazeres até que, depois de muito vagar, chegara a terras estranhas, e mesmo que os Orques não o tivessem apanhado ele de fato não teria outro conselho de segurança senão abordar a majestade do Ainu Melko e implorar que este lhe concedesse algum humilde mister — talvez como provedor de carne para sua mesa.

Ora, os Valar devem ter inspirado essa fala, ou quem sabe fosse um encantamento de palavras astuciosas que Gwendeling lhe tivesse posto por compaixão, pois de fato lhe salvou a vida, e Melko, notando sua constituição robusta, acreditou nele e se dispôs a aceitá-lo como servo em suas cozinhas. A lisonja sempre teve aroma doce nas narinas desse Ainu e, a despeito de toda a sua

insondável sabedoria, muitas mentiras dos que desprezava o enganavam se estivessem vestidas graciosamente em palavras elogiosas; portanto deu então ordens para que Beren fosse feito servo de Tevildo, Príncipe dos Gatos. Ora, Tevildo era um gato enorme — o mais poderoso de todos — e possuído por um espírito maligno, como dizem alguns, e estava constantemente seguindo Melko, e esse gato tinha todos os gatos sujeitos a ele, e ele e seus subordinados eram os caçadores e provedores de carne para a mesa de Melko e seus frequentes banquetes. Por esse motivo ainda existe ódio entre os Elfos e todos os gatos, mesmo agora, quando Melko não reina mais e seus animais tornaram-se de pouca importância.

Quando Beren foi levado embora, por causa disso, aos paços de Tevildo, que não eram demasiado distantes do lugar do trono de Melko, teve muito medo, pois não esperara tal reviravolta, e aqueles paços eram mal iluminados e estavam repletos de grunhidos e monstruosos rom-rons no escuro.

Em toda a volta brilhavam olhos de gatos, luzindo como lanternas verdes, ou vermelhas, ou amarelas, onde os capitães de Tevildo se assentavam, balançando e açoitando suas belas caudas, mas o próprio Tevildo estava sentado diante deles e era um gato enorme e negro como carvão e de aspecto malévolos. Seus olhos eram compridos e muito estreitos e inclinados e rebrilhavam em vermelho e em verde, mas seus grandes bigodes cinzentos eram rijos e afiados como agulhas. Seu ronronar era como rufar de tambores e seu grunhido como trovão, mas quando gritava de raiva fazia o sangue gelar, e de fato pequenos animais e aves ficavam congelados como se fossem pedra, ou tombavam sem vida, muitas vezes ao simples som. Agora Tevildo, vendo Beren, apertou os olhos até que parecessem fechados e disse: “Sinto cheiro de cão” e tomou antipatia por Beren a partir daquele momento. Ora, Beren fora apreciador de cães em seu próprio lar selvagem.

“Por que”, disse Tevildo, “ousais trazer tal criatura diante de mim, a não ser que seja para transformá-lo em carne?” Mas os que conduziam Beren responderam: “Não, foi a palavra de Melko que este Elfo infeliz consumisse a vida como caçador de animais e aves no emprego de Tevildo.” Então, de fato, Tevildo guinchou de desdém e disse: “Então na verdade meu senhor estava adormecido, ou seus pensamentos pousavam em outro lugar, pois do que pensais que adianta um filho dos Eldar para ajudar o Príncipe dos Gatos ou seus capitães a caçarem aves ou animais? Poderíeis muito bem ter trazido algum Homem de pés desajeitados, pois não há entre Elfos ou Homens quem possa rivalizar conosco na perseguição.” Ainda assim pôs Beren à prova e mandou-o apanhar três camundongos, “pois meu paço está infestado deles”, disse. Na verdade, não era assim, como se pode imaginar, no entanto alguns poucos havia ali — uma espécie muito selvagem, maligna e mágica que ousava habitar lá em buracos escuros, mas eles eram maiores que ratos e muito ferozes, e Tevildo abrigava-os para sua própria diversão privada e não permitia que seu número minguasse.

Por três dias Beren os caçou, mas, como nada tinha com que construir uma armadilha (e de fato não mentira a Melko ao dizer que tinha habilidade em tais dispositivos), caçou em vão, não obtendo por todos os seus esforços nada melhor que um dedo mordido. Então Tevildo ficou furioso e com grande ira, mas exceto por alguns arranhões Beren nenhum dano sofreu nessa ocasião, nem dele nem de seus capitães, por causa da ordem de Melko. Porém penosos foram seus dias depois disso nas moradas de Tevildo. Fizeram dele um ajudante de cozinha, e seus dias passavam-se tristemente lavando pisos e panelas, esfregando mesas, cortando lenha e tirando água. Muitas vezes, também, faziam-no girar espetos em que aves e camundongos gordos eram delicadamente assados para os gatos, porém raramente ele próprio tinha comida ou sono, e tornou-se abatido e desganhado, e muitas vezes desejou que jamais, vagando para fora de Hisilómë, tivesse ao menos vislumbrado a visão de Tinúviel.

*image
not
available*

Ora, com aqueles cabelos nebulosos Tinúviel teceu uma capa de negro nublado, embebida de uma sonolência ainda muito mais mágica que aquela que sua mãe envergara, e dançara nela, muito tempo atrás, e com ela cobriu suas vestes de branco reluzente, e sons mágicos preencheram o ar à sua volta, mas com o que restou ela torceu um grande cordão e o prendeu ao tronco da árvore no interior de sua casa, e assim terminou sua labuta, e ela olhou pela janela para o leste, na direção do rio. A luz do sol já se apagava nas árvores, e à medida que o crepúsculo preenchia a floresta, ela começou a cantar, muito de leve e em voz baixa, e enquanto cantava lançou os longos cabelos pela janela de forma que a névoa sonolenta tocasse as cabeças e os rostos dos guardas lá embaixo, e eles, escutando sua voz, caíram de repente em sono incomensurável. Então Tinúviel, envergando suas vestes de treva, deslizou pela corda de cabelos leve como um esquilo e afastou-se dançando rumo à ponte, e antes que os vigias da ponte pudessem gritar ela estava entre eles, a dançar, e quando a bainha de sua capa negra os tocava eles adormeciam, e Tinúviel fugiu para muito longe tão depressa quanto voavam seus pés dançantes.

Ora, quando a fuga de Tinúviel chegou aos ouvidos de Tinwelint foi grande seu pesar mesclado com ira, e toda a sua corte estava em polvorosa, e todos os bosques ressoavam com a busca, mas Tinúviel já estava bem longe, aproximando-se dos obscuros contrafortes onde começam as Montanhas da Noite; e dizem que Dairon, seguindo-a, perdeu-se por completo, e jamais retornou a Elfínesse, mas voltou-se na direção de Palisor e ali ainda toca sutis músicas mágicas, saudoso e solitário nos bosques e florestas do sul.

Porém, enquanto Tinúviel avançava, um súbito temor se apossou dela quando pensou no que ousara fazer e no que estava à frente, então voltou atrás por um momento e chorou, desejando que Dairon estivesse com ela, e dizem que de fato ele não estava longe, mas vagava perdido entre os grandes pinheiros, a Floresta da Noite, onde mais tarde Túrin matou Beleg por infortúnio.

Próxima já estava Tinúviel desses lugares, mas não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante e, em virtude da maior magia de seu ser e por causa do encantamento de assombro e sono que a rodeava, não a assaltou nenhum dos perigos que haviam ameaçado Beren antes dela; porém foi uma jornada longa, maligna e cansativa para ser trilhada por uma donzela.

Ora, é preciso ser dito que naqueles dias Tevildo tinha apenas uma preocupação no mundo, que era a gente dos Cães. De fato, muitos deles não eram amigos nem inimigos dos Gatos, pois haviam sido sujeitados a Melko e eram tão selvagens e cruéis como seus outros animais; na verdade, dos mais cruéis e selvagens ele gerou a raça dos lobos e eles lhe eram muito caros de fato. Não era o grande lobo cinzento Karkaras Presa-de-Punhal, pai dos lobos, que guardava os portões de Angamandi naqueles dias e o fizera por muito tempo antes? No entanto, havia muitos que nem se curvavam diante de Melko, nem viviam em total temor dele, mas habitavam nas moradas dos Homens, protegendo-os de muitos males que de outra forma os acometeriam, ou perambulavam pelos bosques de Hisilómë ou, passando pelos lugares montanhosos, às vezes chegavam até à região de Artanor e às terras além e para o sul.

Caso algum desses avistasse Tevildo ou algum de seus capitães ou súditos, havia grandes latidos e intensa perseguição, e, apesar de raramente um gato ser morto, em virtude de sua habilidade em escalar e esconder-se, e por causa do poder protetor de Melko, ainda assim havia grande inimizade entre eles, e alguns desses cachorros eram temidos entre os gatos. Tevildo, porém, não temia nenhum, pois era tão forte quanto qualquer um deles e mais ágil e mais rápido, exceto por Huan, Capitão dos Cães. Tão rápido era Huan que certa feita sentira o gosto do pelo de Tevildo, e, apesar de Tevildo lhe ter cobrado com um talho das grandes garras, ainda assim o orgulho do Príncipe dos Gatos não ficou apaziguado, e ele ansiava por fazer grande mal a Huan dos Cães.

*image
not
available*

perto da habitação do poderoso Príncipe dos Gatos, meu senhor Tevildo”, mas Tevildo disse: “Nem o toleramos, nem ele jamais vem aqui exceto furtivamente.”

“Seja como for,” disse Tinúviel, “lá está ele agora, mas me parece que afinal sua vida poderá terminar de todo, pois vede, quando atravessei a floresta, vi onde um grande animal jazia ao solo, gemendo como que doente; e eis que era Huan, e algum encanto mau ou doença o tem nas garras, e ainda jaz desamparado num vale da floresta, a nem uma milha a oeste deste paço. Ora, quem sabe eu não vos tivesse perturbado os ouvidos por causa disso, se a besta, quando me aproximei para socorrê-lo, não tivesse grunhido e tentado morder-me, e julgo que tal criatura merece o que lhe acontecer.”

Ora, tudo isto que Tinúviel dizia era uma grande mentira em cuja criação Huan a guiara, e as donzelas dos Eldar não costumam inventar mentiras; porém nunca ouvi dizer que algum dos Eldar a tivesse culpado nisso, nem Beren depois, nem a culpo eu, pois Tevildo era um gato maligno, e Melko, o mais perverso de todos os seres, e Tinúviel corria grave perigo nas mãos deles. Porém Tevildo, ele próprio grande e hábil mentiroso, estava tão profundamente enfronhado nas mentiras e sutilezas de todos os animais e criaturas que raramente sabia se devia ou não crer no que lhe era dito e costumava duvidar de tudo, menos do que queria acreditar que fosse verdade, e assim era muitas vezes enganado pelos mais honestos. Ora, a história de Huan e seu desamparo tanto lhe agradou que tendia a crer que fosse verdadeira e decidiu-se a pelo menos testá-la; porém de início fingiu indiferença, dizendo que era um assunto pequeno para tal segredo e poderia ter sido dito do lado de fora sem mais cerimônia. Mas Tinúviel disse que não pensara que Tevildo, Príncipe dos Gatos, precisasse ser informado de que os ouvidos de Huan ouviam os sons mais tênues a uma légua de distância e a voz de um gato de mais longe que qualquer outro som.

*image
not
available*

Beren e a Huan: “Preciso voltar para casa” e então foi o coração de Beren que se toldou com pesar, pois amava aquela vida na floresta com os cães (pois àquela altura muitos outros se haviam juntado a Huan), porém não se Tinúviel não estivesse lá.

Ainda assim disse: “Nunca poderei voltar contigo à terra de Artanor, nem jamais voltar ali para te procurar, doce Tinúviel, exceto se trouxer uma Silmaril; e agora isso não pode ser realizado, já que sou fugitivo dos próprios paços de Melko, e seus servos me espionam em perigo dos castigos mais atrozes.” Ora, isto ele disse no pesar de seu coração, ao se despedir de Tinúviel, e ela hesitou, não suportando a ideia de deixar Beren nem de viver sempre assim no exílio. Por isso passou longo tempo em tristes pensamentos e não falava, mas Beren sentou-se junto a ela e finalmente disse: “Tinúviel, só uma coisa podemos fazer: sair em busca de uma Silmaril”; e diante disso ela procurou Huan, pedindo-lhe auxílio e conselho, mas ele foi muito grave e nada via no caso senão loucura. Porém no fim Tinúviel lhe pediu a pele de Oikeroi, que ele matara no combate da clareira; ora, Oikeroi era um gato poderosíssimo e Huan levava aquela pele consigo como troféu.

Então Tinúviel empenhou sua habilidade e sua magia de fada e costurou Beren dentro da pele e o fez assemelhar-se a um grande gato e lhe ensinou a sentar e a se escarrapachar, a dar passos e pulos, e a trotar à semelhança de um gato, até os bigodes do próprio Huan se eriçarem à vista daquilo, e Beren e Tinúviel riram-se dele. Jamais, porém, Beren aprendeu a guinchar ou choramingar, ou a ronronar como qualquer gato que já caminhou, nem Tinúviel pôde despertar um brilho nos olhos mortos da pele de gato “mas precisamos nos conformar com isso”, disse ela, “e tens o ar de um gato mui nobre contanto que segures tua língua”.

Então se despediram de Huan e partiram rumo aos paços de Melko em jornadas leves, pois Beren estava muito desconfortável e quente dentro da pele de Oikeroi, e o coração de Tinúviel estava mais leve, por uns tempos, do que há muito estivera, e afagava Beren ou lhe puxava a cauda, e Beren se irritava porque não conseguia agitá-la, em resposta, tão ferozmente quanto desejava. Após algum tempo, porém, acercaram-se de Angamandi, como de fato os estrondos e ruídos graves e o som de grandes marteladas de dez mil ferreiros labutando sem cessar lhes declaravam. Estavam próximos os tristes recintos onde os Noldoli escravizados labutavam amargamente sob os Orques e Gobelins das colinas, e ali a obscuridade e treva era grande, de modo que desanimaram, mas Tinúviel mais uma vez se trajou em sua veste escura de sono profundo. Ora, os portões de Angamandi eram de ferro hediondamente trabalhado e guarnecido de facas e espetos, e diante deles estava deitado o maior lobo que o mundo já viu, o próprio Karkaras Presa-de-Punhal que jamais dormira; e Karkaras rosnou quando viu Tinúviel se aproximando, mas com o gato não se importou muito, pois tinha os gatos em pequena conta, e eles sempre passavam para dentro e para fora.

“Não rosnes, ó Karkaras,” disse ela, “pois vou em busca de meu senhor Melko e este capitão de Tevildo vai comigo como escolta.” Ora, a veste escura velava toda a sua beleza cintilante, e a mente de Karkaras não se perturbou muito, porém mesmo assim ele se aproximou, como costumava fazer, para farejar o seu ar, e a doce fragrância dos Eldar aquela veste não conseguia ocultar. Assim, de imediato Tinúviel iniciou uma dança mágica e lançou as mechas negras de seu escuro véu nos olhos dele, de modo que suas pernas tremeram de sonolência, e ele rolou e adormeceu. Mas foi só quando ele estava firmemente sonhando com grandes perseguições nos bosques de Hisilómë, quando ainda era filhote, que Tinúviel se deteve e então entraram os dois pelo portal negro e serpenteando, descendo por muitos caminhos de sombra, toparam finalmente com a presença do próprio Melko.

Naquela escuridão Beren passava muito bem por verdadeiro capitão de Tevildo, e de fato antigamente Oikeroi havia frequentado muito os paços de Melko, de modo que ninguém lhe deu

*image
not
available*

e muitos haviam sido mortos ou perdidos para sempre, e havia guerra com os servos de Melko em todas as suas fronteiras setentrionais e orientais, de modo que a gente temia imensamente que aquele Ainu convocasse suas forças e viesse esmagá-los por completo e que a magia de Gwendeling não tivesse o poder de resistir à multidão de Orques. “Vede,” diziam, “agora aconteceu o pior de tudo, pois muito tempo a Rainha Gwendeling esteve indiferente, sem sorrir nem falar, como se fitasse à grande distância com olhos desvairados, e a rede de sua magia tornou-se rala em torno da floresta, e a floresta é lúgubre, pois Dairon não retorna nem sua música se ouve mais nas clareiras. Eis agora a coroa de todas as nossas más novas, pois sabeis que irrompeu sobre nós, vindo irado desde os paços do Mal, um grande lobo cinzento repleto de um espírito maligno e se comporta como que açoitado por alguma loucura oculta, e ninguém está a salvo. Já matou muitos, correndo selvagem pela floresta, mordendo e berrando, de modo que as próprias margens do rio que corre diante dos paços do rei se tornaram lugares onde o perigo espreita. Ali o medonho lobo vai beber com frequência, parecendo o próprio Príncipe maligno, de olhos injetados de sangue e língua pendendo para fora, e nunca consegue saciar seu desejo de água, como se algum fogo interior o devorasse.”

Então Tinúviel se entristeceu, pensando na infelicidade que acometera seu povo e principalmente seu coração se tornou amargo diante da história de Dairon, pois dela não ouvira nem murmúrio antes disso. No entanto, era incapaz de desejar que Beren nunca tivesse chegado às terras de Artanor, e juntos apressaram-se para irem ter com Tinwelint; e aos Elfos da floresta parecia agora que o mal estava terminando, já que Tinúviel voltara a ter com eles ilesa. Na verdade, sequer esperavam por isso.

Encontraram o Rei Tinwelint em grande melancolia, porém de repente seu pesar se derreteu em lágrimas de contentamento e Gwendeling voltou a cantar de alegria quando Tinúviel ali entrou e, lançando longe sua veste de escura névoa, pôs-se diante deles na mesma radiância perolada de outrora. Por um instante tudo foi regozijo e assombro naquele paço, e ainda assim o rei acabou por voltar os olhos para Beren e disse: “Então tu também retornaste — trazendo uma Silmaril, fora de dúvida, em recompensa de todo o mal que produziste em minha terra; ou, se não a trazes, não sei por que aqui estás.”

Então Tinúviel pisou forte e exclamou, de modo que o rei e todos os que estavam à sua roda se admiraram de seu novo humor destemido: “Que vergonha, meu pai! Vê, eis Beren, o bravo, que tua pilhéria expulsou para lugares escuros e imundo cativo, e que somente os Valar salvaram de morte amarga. Creio que a um rei dos Eldar melhor conviria recompensá-lo que injuriá-lo.”

“Não,” disse Beren, “o rei, teu pai, tem esse direito. Senhor,” disse, “mesmo agora tenho uma Silmaril em minha mão.”

“Mostra-me então”, disse o rei, assombrado.

“Não posso fazê-lo,” disse Beren, “pois minha mão não está aqui”, e estendeu o braço mutilado.

Então o coração do rei se voltou para ele, em razão de seu comportamento resolutivo e cortês, e pediu que Beren e Tinúviel lhe relatassem tudo o que ocorrera a cada um e escutou com avidez, pois não compreendia plenamente o significado das palavras de Beren. Quando, porém, havia ouvido tudo seu coração voltou-se para Beren ainda mais e admirou-se do amor que despertara no coração de Tinúviel, de forma que ela praticara feitos maiores e mais ousados que qualquer guerreiro de seu povo.

“Nunca mais,” disse, “ó Beren, eu te peço, deixes esta corte nem a companhia de Tinúviel, pois és um grande Elfo e teu nome será sempre grande entre as gentes.” No entanto, Beren respondeu-lhe com altivez e disse: “Não, ó Rei, mantenho minha palavra e a vossa e vos trarei essa Silmaril antes de habitar em paz nos vossos paços.” E o rei implorou-lhe que não viajasse mais aos reinos

*image
not
available*

UM TRECHO DO *ESBOÇO DA MITOLOGIA*

O poder de Morgoth começa a se expandir outra vez. Um a um ele derrota os Homens e os Elfos no Norte. Dentre esses um famoso capitão de Homens era Barahir, que fora amigo de Celegorm de Nargothrond.

Barahir é impelido a se esconder, seu esconderijo é traído e Barahir é morto; seu filho Beren, após uma vida de proscrito, foge para o sul, cruza as Montanhas Sombrias e após atrozess provas chega a Doriath. Sobre essas e suas outras aventuras conta *A Balada de Leithian*. Ele conquista o amor de Tinúviel, “o rouxinol” — seu próprio nome para Lúthien — a filha de Thingol. Para que a tenha, Thingol, por zombaria, exige uma Silmaril da coroa de Morgoth. Beren parte para realizar isto, é capturado e posto num calabouço em Angband, mas oculta sua verdadeira identidade e é dado como escravo a Thû, o caçador. Lúthien é aprisionada por Thingol, mas escapa e vai em busca de Beren. Com a ajuda de Huan, senhor dos cães, ela resgata Beren e obtém acesso a Angband, onde Morgoth é encantado e finalmente envolto em sonolência por sua dança. Eles conseguem uma Silmaril e escapam, mas são detidos nos portões de Angband por Carcaras, o Lobo-guardião. Ele arranca com uma mordida a mão de Beren que segura a Silmaril e enlouquece com a aflição dela ardendo dentro dele.

Eles escapam e depois de muito perambular retornam a Doriath. Carcaras, saqueando pelas matas, irrompe em Doriath. Segue-se a Caçada ao Lobo de Doriath, em que Carcaras é destruído e Huan é morto na defesa de Beren. No entanto, Beren é ferido letalmente e morre nos braços de Lúthien. Algumas canções dizem que Lúthien chegou a atravessar o Gelo Pungente, auxiliada pelo poder de sua mãe divina Melian, até os paços de Mandos, e o resgatou; outras, que Mandos, ouvindo seu relato, libertou-o. O que é certo é que somente ele dentre os mortais voltou de Mandos e morou com Lúthien e nunca mais falou com os Homens de novo, vivendo nas florestas de Doriath e no Descampado dos Caçadores, a oeste de Nargothrond.

*image
not
available*

Dias depois, turvado o siso,
a ruminar, já sem juízo,
55 servos do rei atroz avista,
pede que o levem à sua vista,
rebelde a implorar perdão,
se este puder ser dado então
por novas do bom Barahir,
60 onde encontrá-lo, aonde ir
de noite ou dia ao seu covil.
O triste Gorlim pois partiu
à profundez, atra caverna;
aos pés de Morgoth se prosterna,
65 ao coração cruel indica,
ao que a verdade não pratica.
Diz Morgoth: "Eilinel, a bela
certo acharás, e lá com ela,
onde habite e te aguarda,
70 juntos vós estareis, não tarda,
não vos separo nunca mais.
Este é o prêmio a quem traz
tal boa nova, delator meu!
Cá já não mora Eilinel,
75 em mortal treva tem corrido,
sem lar, viúva do marido —
espectro do que havia de ser,
assim parece, vens de ver!
Agora pelo umbral da dor
80 irás à terra, meu favor;
baixas à treva atroz sem lua
pra lá buscar Eilinel tua."

Já Gorlim sofre morte atroz
e se maldiz c' o fim da voz,
85 é morto Barahir, então
tornam seus feitos bons em vão.
Porém de Morgoth o terror
nem sempre engana o contendor;
ainda alguns usam perícia
90 pra desfazer a sua malícia.
Pois Morgoth fez, assim se cria,
o espectro atroz que Gorlim via
c' os olhos seus, tornou em nada
a esperança preservada
95 lá na floresta solitária;
mas Beren, com fortuna vária,
naquele dia longe caça,
a noite em lugares passa
longe dos seus. Durante o sono
100 sente grã treva e abandono,

*image
not
available*

prestar favores de outrora
 pra Felagund. Assim é agora;
 155 pois Morgoth mo mandou levar,
 não que me conste lhe faltar
 maior tesouro em seu cofre.
 Quem tem cobiça nada sofre
 e eu pretendo insistir:
 160 vazia a mão de Barahir!”
 Seta mortal remata o feito;
 fende-lhe o coração no peito.
 Vê Morgoth que seu contendor
 prestou serviço, executor
 165 do traidor, servo sem siso.
 Mas Morgoth já não vê com riso
 que Beren, lobo a sós na caça,
 de trás da rocha salta, e passa
 junto ao poço no bivaque,
 170 apanha o anel antes do ataque
 de raiva e ira do inimigo,
 e deles foge. Tem o abrigo
 feito de anéis de puro aço
 pelos Anãos sem embaraço;
 175 esconde-se em rocha e mato
 Beren em boa hora nato;
 ignora o inimigo vil
 aonde foi buscar covil.
 Foi Beren sempre destemido,
 180 por resistente sempre havido,
 quando vivia Barahir;
 mas ora vem pesar partir
 a alma, a vida lhe amargar,
 que seu punhal já pensa usar,
 185 espada ou lança, fim estreme
 da vida, e só correntes teme.
 Busca perigos, busca a morte,
 escapa assim à fatal sorte
 ousando feitos de nomeada,
 190 de glória ao vento sussurrada;
 canções entoam-se, acesas,
 acerca de suas proezas
 a sós, cercado no negrume
 de névoa, e lua, sob o lume
 195 do dia claro. Enche as matas
 do Norte com batalhas gratas
 ceifando de Morgoth a laia;
 com ele só carvalho e faia,
 sempre fiéis, bestas pequenas
 200 de pelo, couro, asas, penas;
 espíritos dos quais a voz

*image
not
available*

95 *the lingering hope forlorn to nought*
 that lived amid the lonely wood;
 yet Beren had by fortune good
 long hunted far afield that day,
 and benighted in strange places lay
 far from his fellows. In his sleep
100 *he felt a dreadful darkness creep*
 upon his heart, and thought the trees
 were bare and bent in mournful breeze;
 no leaves they had, but ravens dark
 sat thick as leaves on bough and bark,
105 *and croaked, and as they croaked each neb*
 let fall a gout of blood; a web
 unseen entwined him hand and limb,
 until worn out, upon the rim
 of stagnant pool he lay and shivered.
110 *There saw he that a shadow quivered*
 far out upon the water wan,
 and grew to a faint form thereon
 that glided o'er the silent lake
 and coming slowly, softly spake
115 *and sadly said; 'Lo! Gorlim here,*
 traitor betrayed, now stands! Nor fear,
 but haste! For Morgoth's fingers close
 upon thy father's throat. He knows
 your secret tryst, your hidden lair',
120 *and all the evil he laid bare*
 that he had done and Morgoth wrought.
 Then Beren waking swiftly sought
 his sword and bow, and sped like wind
 that cuts with knives the branches thinned
125 *of autumn trees. At last he came,*
 his heart afire with burning flame,
 where Barahir his father lay;
 he came too late. At dawn of day
 he found the homes of hunted men,
130 *a wooded island in the fen*
 and birds rose up in sudden cloud —
 no fen-fowl were they crying loud.
 The raven and the carrion-crow
 sat in the alders all a-row;
135 *one croaked: 'Ha! Beren comes too late',*
 and answered all: 'Too late! Too late!'
 There Beren buried his father's bones,
 and piled a heap of boulder-stones,
 and cursed the name of Morgoth thrice,
140 *but wept not, for his heart was ice.*

Then over fen and field and mountain

*image
not
available*

O *QUENTA NOLDORINWA*

Depois do *Esboço da Mitologia*, este texto, a que me referirei como “o *Quenta*”, foi a única versão completa e acabada de “O Silmarillion” que meu pai realizou: um texto datilografado que fez em (como parece certo) 1930. Nenhum rascunho ou esboço preliminar, se é que houve algum, sobreviveu, mas está claro que, durante boa parte de sua extensão, ele tinha o *Esboço* diante de si. Ele é mais longo que o *Esboço* e, claramente, nele surgiu o “estilo do Silmarillion”, mas continua sendo uma compressão, um relato compendioso. No subtítulo está dito que é “a breve história dos Noldoli ou Gnomos”, extraída do *Livro dos Contos Perdidos* escrito por Eriol [Ælfwine]. É claro que àquela altura os poemas longos já existiam, substanciais, mas maciçamente inacabados, e meu pai ainda estava trabalhando em *A Balada de Leithian*.

No *Quenta* emerge a principal transformação da lenda de Beren e Lúthien, com a entrada do príncipe noldorin Felagund, filho de Finrod. Para explicar como isso pôde ocorrer, darei aqui um trecho desse texto, mas é necessária uma nota sobre os nomes. O líder dos Noldor na grande jornada dos Elfos desde Cuiviénen, a Água do Despertar no mais remoto Leste, foi Finwë; seus três filhos eram Fëanor, Fingolfin e Finrod, que foi o pai de Felagund. (Mais tarde os nomes foram alterados: o terceiro filho de Finwë tornou-se *Finarfin*, e *Finrod* foi o nome de seu filho, mas Finrod era também *Felagund*. Este nome significava “Senhor de Cavernas” ou “Escavador de Cavernas” na língua dos Anãos, pois ele foi o fundador de Nargothrond. A irmã de Finrod Felagund era Galadriel.)